

# Eusébio da Veiga, o último professor da Aula da Esfera. Reconstituição biográfica de um Jesuíta do século XVIII

ANTÓNIO JÚLIO LIMPO TRIGUEIROS, s j

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa  
trigueiros@gmail.com

**Resumo:** O presente artigo pretende ajudar os investigadores a reconstituírem a vida de um jesuíta. Apresentamos como *case study* a biografia de um dos mais destacados jesuítas do período da supressão da Companhia de Jesus, o P. Eusébio da Veiga (1718-1798), matemático e astrónomo e que foi o último professor da famosa Aula da Esfera do Colégio de Santo Antão, em Lisboa. Seguindo por ordem cronológica os momentos mais significativos da vida do cientista jesuíta, procuramos lançar as bases para uma narrativa prosopográfica. O percurso utilizado na reconstituição biográfica de Eusébio da Veiga é replicável para o de qualquer outro jesuíta e uma leitura atenta das informações contidas nas clássicas fontes jesuíticas (catálogos e cartas) revelam-se verdadeiramente surpreendentes pela detalhada informação que nos trazem.

**Palavras-chave:** Jesuítas, Astronomia, Supressão, Exílio, Biografia.

## **Eusébio da Veiga, the last professor of the Aula da Esfera – biographical reconstruction of a Jesuit of the XVIII century**

**Abstract:** This article aims to help researchers to reconstruct the life of a Jesuit. We present, as a case study, the biography of one of the most distinguished Jesuits in the period of suppression of the Society of Jesus, Fr Eusébio da Veiga (1718-1798), mathematician and astronomer, who was the last teacher of the famous Aula da Esfera of College Santo Antão, in Lisbon. Following, in chronological order, the most significant moments of this Jesuit scientist's life, we seek to lay the foundations for a prosopographic narrative. The route used in the biographical reconstitution of Eusébio da Veiga is replicable to any other Jesuit and a careful reading of the information contained in the classic Jesuit sources (catalogs and letters) are truly amazing for the detailed information they bring us.

**Keywords:** Jesuits, Astronomy, Suppression, Exile, Biography.

A expulsão da Companhia de Jesus de Portugal e dos seus domínios, pela lei de 3 de setembro de 1759, foi o primeiro acontecimento marcante de uma gigantesca operação que fez despendar energias e mobilizar importantes recursos políticos e diplomáticos ao longo de toda a segunda metade do século XVIII. Partindo do reino de Portugal, esta medida foi apenas o prelúdio de um acontecimento desejado por um conjunto de zelosos estadistas, que se viria a concretizar apenas catorze anos mais tarde, quando, pelo breve pontificado de 21 de julho de 1773, *Dominus ac Redemptor*, o Papa Clemente XIV suprimia a Companhia de Jesus como ordem religiosa.

Designada na múltipla correspondência diplomática como o *Negócio Jesuítico*, a operação foi orquestrada por um conjunto de homens, filhos da mesma época e do mesmo quadro ideológico, empenhados no controle efetivo do aparelho de Estado, e numa Igreja mais submetida aos interesses nacionais, e que viam uma constante ameaça numa ordem religiosa caracterizada pelo forte vínculo de obediência ao pontífice, e por uma poderosa presença nas cortes como confessores da realeza e da nobreza, como mestres e como hábeis diplomatas.

Após ter sido decretada, em 1759, a expulsão dos jesuítas de todos os territórios portugueses, espalhados pelo império, num total de 1.480 padres, irmãos coadjutores e escolásticos, procedeu-se a um dismantelamento seletivo da numerosa assistência, composta por sete províncias e vice-províncias (Lusitana, Brasil, Maranhão, Goa, Malabar, Japão e China).

O processo foi rápido e eficaz e poderíamos dizer que se desenvolveu sobretudo através de três fortes medidas.

Uma primeira medida foi o encarceramento imediato dos jesuítas mais influentes, e presumivelmente considerados mais perniciosos, nas prisões de S. Julião da Barra, Azeitão, Junqueira e Almeida. Entre estes contavam-se os provinciais, reitores, confessores régios e todos os missionários estrangeiros sem exceção (alemães, italianos, franceses, ingleses, irlandeses, etc.), que se achavam a missionar nos territórios ultramarinos.

Dos encarcerados num total de duzentos e vinte e dois, cerca de oitenta morreram nas prisões (trinta e sete em S. Julião da Barra, trinta e seis em Azeitão e nove em diferentes cárceres). Cinco foram deportados para África e perdeu-se-lhes o rasto. Uns quarenta morreram durante as viagens de Goa e do Brasil para a metrópole.

Em 1767, foram libertados trinta e nove que se juntaram aos seus companheiros de Itália. Dentre estes achavam-se vários reitores e o próprio provincial de Portugal. Não foi libertado nenhum missionário do Grão Pará e Maranhão, e apenas dois da Província do Brasil.

Em 1777, por morte de D. José e após a queda de Pombal, foram finalmente libertados cinquenta e três, dos quais quarenta e cinco achavam-se encarcerados em S. Julião da Barra e oito noutras prisões, há perto de vinte anos<sup>1</sup>.

O único jesuíta a ser objeto de julgamento formal foi o P. Gabriel Malagrida, italiano, missionário no Brasil, acusado de heresia e condenado à morte pelo Tribunal da Inquisição, vindo a ser enforcado em 1761, no Rossio, em Lisboa.

Uma segunda medida de dismantelamento da assistência Lusitana consistiu no insistente assédio feito aos não professores (noviços e escolásticos), separados propositadamente dos professores, para abandonarem a Ordem. Executada por oficiais de justiça zelosos, com promessas de benesses e dramáticas súplicas de familiares dos jovens jesuítas, obteve um número considerável de resultados, mas reforçou a tenacidade dos que não cederam<sup>2</sup>. Contabilizamos a partir da obra de José Caeiro, cerca de oitenta abandonos, entre os não professores. Curioso é o caso de três jesuítas referidos nos catálogos de 1767, que tendo abandonado a Companhia em Lisboa, vieram a arrepender-se, viajando por seus meios até aos territórios pontifícios, juntaram-se aos seus companheiros de infortúnio.

No que se refere aos que deixaram a Companhia em terras de Itália, o *Catalogus Generalis de 1767* refere um total de quarenta e quatro jesuítas da assistência que “*largaram a roupeta*” antes da extinção, no período que vai de 1761 a 1771. No entanto, no catálogo do Conde da Ericeira de 1780, aparecem registados já só seis jesuítas que “*tinham largado a roupeta antes da extinção*” e que se acham a viver em Génova (3), Civitavecchia (2) e Ferrara (1), alguns deles casados. Aparecem também notícias de três desertores que viviam secretamente em Espanha, e que vieram a ser presos e repatriados.

A terceira e mais massiva medida de dismantelamento foi o embarque forçado em nove expedições do grosso dos elementos da província e das missões. Os embarques processaram-se do seguinte modo: desde 24 de outubro de 1759 a 7 de julho de 1761 aportaram em oito expedições ao porto de Civitavecchia, um total de 1.036 jesuítas. A estes juntar-se-ia, em 1767, uma expedição de mais trinta e nove saídos das prisões de Lisboa. Segundo o *Catalogo Generalis Assistentiae Lusitanae de 1767* tinham desembarcado nos territórios papais um total de 1.105 jesuítas.

A 29 de maio de 1760, D. José escrevera, por mão de Pombal, três memórias ao embaixador de Portugal em Roma sobre a expulsão dos jesuítas de Portugal, que servirão de bases para as conversações do embaixador com a Santa Sé. A ideia era a de começar a pressionar o Papa no sentido de uma supressão da Companhia de Jesus. Gorados esses esforços, enquanto em Lisboa o núncio Acciaiuoli acabara de

1 Anselmo Eckart – *Memórias de um Jesuíta prisioneiro de Pombal*. Braga: Apostolado da Imprensa, 1987, p. 245-267.

2 José Caeiro – *História da Expulsão da Companhia de Jesus da Província de Portugal*. Vol. 3. Lisboa: Editorial Verbo, 1991, p. 291, ss.

ser expulso do reino, em Roma, a 6 de julho, o embaixador de Portugal, Francisco de Almada e Mendonça, afixa na igreja de Santo António dos Portugueses um edital anunciando o rompimento de relações entre Portugal e a Santa Sé, que obrigava os portugueses ali residentes a abandonarem os Estados da Igreja. A 4 de agosto são proibidas todas as comunicações com Roma, assim como quaisquer remessas de dinheiro de Portugal para a Santa Sé.

Os esforços voltam-se a partir deste momento para uma busca de apoio nas cortes de Madrid e Paris, com vista à obtenção da supressão. Faz-se chegar abundante literatura panfletária anti-jesuítica às cortes europeias, profusamente traduzida e através delas ao Papa, aos cardeais e a outros membros da Cúria.

## 1. Reconstituição biográfica de jesuítas

Quando o jesuíta exilado espanhol, Lorenzo Hervás y Panduro, na sua *Biblioteca Jesuítico Española*, procura elencar a produção literária dos jesuítas portugueses exilados, introduz o capítulo a estes consagrado, aludindo às inúmeras dificuldades que encontrou na reconstituição das biografias e da produção literária da colónia jesuíta lusa no exílio, em comparação com as notícias mais abundantes de que dispunha relativamente à mais numerosa colónia hispânica.

“Las miserias, calamidades y desgracias, que la colonia de jesuitas portugueses padeció en su expulsión y la vida trabajosa que, después de ella, ha tenido por muchos años, hicieron perecer prontamente a muchos de ellos y a no pocos ocasionaron falta de salud, por lo que ellos, llegados a Italia, debieron pensar y ocuparse más en trabajar para vivir que en estudios literarios para instrucción propia o de otros. No obstante estas lamentables circunstancias, que suelen ser incompatibles con la profesión literaria, en esta se han distinguido algunos jesuitas portugueses. La suma dispersión de ellos y la vida, totalmente retirada, que han tenido, me han dificultado la noticia, no solamente de sus manuscritos y obras impresas, mas también del carácter de los escritores. De algunos de ellos solamente he podido saber la pura existencia, por lo que no dudo que se me ocultará la noticia de algunos escritores y de no pocas producciones literarias o manuscritas de los autores que cito.”<sup>3</sup>

Estas considerações de Hervás resumem aquela que é certamente a maior dificuldade na reconstituição biográfica dos jesuítas portugueses exilados nos Estados da Igreja, a partir de 1759. A dispersão geográfica por muitas e diversas localidades do território pontifício e a escassez de dados biográficos, de que os lacónicos catálogos reportam apenas o nome e a localidade onde assistiam, sem referir a que atividades

3 Lorenzo Hervás y Panduro – *Biblioteca Jesuítico Española* (1759-1799). Estudio introductorio, edición crítica y notas por António Astorgano Abajo. Madrid: Libris-Asociación de Libreros de Viejo, 2007, p. 739.

se dedicavam, dificultam um mais circunstanciado percurso biográfico. Só a investigação *in loco* nessas numerosas povoações e uma pesquisa efetuada junto dos arquivos locais e dos historiadores da região permite resgatar essas interessantes biografias.

Algumas tentativas de reconstituição da vida dos jesuítas portugueses exilados no período pombalino têm sido desenvolvidas nos últimos anos. A vida de Inácio Monteiro, matemático e filósofo, professor na Universidade de Ferrara, foi alvo da tese de doutoramento de Miguel Corrêa Monteiro<sup>4</sup>. O artigo de Inmaculada Fernandez Arrillaga, “*El desamparo de los jesuítas portugueses durante su destierro en los Estados Pontificios*”, publicado em outubro de 2010 na revista *Broteria*, traz-nos todos os testemunhos dos diários de Manuel Luengo sobre a situação dos jesuítas portugueses<sup>5</sup>.

No *Convegno Internazionale di Studi – La presenza in Italia dei Gesuiti Iberico Espulsi – Aspetti religiosi, politici, culturali*, que se realizou em Bolonha, de 10 a 12 de dezembro de 2009, tivemos ocasião de apresentar de modo global, juntamente com Mariagrazia Russo, a dispersão geográfica desses exilados<sup>6</sup>.

A base de dados biográfica dos 1.105 jesuítas expulsos de Portugal e dos territórios ultramarinos, intitulada *I Gesuiti dell'Assistenza Lusitana esiliati in Italia (1759-1831)*, que em 2013 publicámos com Mariagrazia Russo, veio abrir novas perspetivas para o tratamento das fontes a utilizar que possibilitem uma reconstituição sistemática das biografias dos membros da Companhia de Jesus<sup>7</sup>.

## 2. Eusébio da Veiga – passos de uma vida e de uma obra

Tomamos como *case study* a biografia de um dos mais destacados membros da Província Lusitana da Companhia de Jesus no período da supressão, o P. Eusébio da Veiga, matemático e astrónomo e que foi o último professor da famosa Aula da Esfera do Colégio de Santo Antão.

Optamos por apresentar por ordem cronológica os momentos mais significativos da vida do cientista jesuíta. Julgamos poder assim prestar auxílio aos investigadores que queiram reconstituir a vida de um religioso jesuíta, utilizando quer as fontes jesuíticas, quer outra documentação indispensável para poder lançar as bases para uma narrativa prosopográfica.

4 Miguel Corrêa Monteiro – *Inácio Monteiro (1724-1812) – um jesuíta português na dispersão*. Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa, 2004.

5 Inmaculada Fernandez Arrillaga – *El desamparo de los jesuítas portugueses durante su destierro en los Estados Pontificios*. *Broteria*. 169 (Ago-Set 2010) 271-285.

6 António Trigueiros – *I gesuiti portoghesi espulsi in Italia; vita e cultura nei quattro convitti italiani*. In *La presenza in Italia dei Gesuiti Iberico Espulsi – Aspetti religiosi, politici, culturali*. Bolonha: CLEUB, 2010, p. 57-74. Mariagrazia Russo – *La grande disperzione in Italia dei gesuiti portoghesi espulsi: processi di catalogazione e documentazione inedita*. In *La presenza in Italia dei Gesuiti Iberico Espulsi – Aspetti religiosi, politici, culturali*. Bolonha: CLEUB, 2010, p. 27-56.

7 Mariagrazia Russo e António Júlio Limpo Trigueiros, sj – *I Gesuiti dell'Assistenza Lusitana esiliati in Italia (1759-1831)*. Padova: CLEUP (Coop. Libreria Editrice Università di Padova), 2013.

Consideramos assim que o percurso utilizado na reconstituição biográfica de Eusébio da Veiga é replicável para o de qualquer outro membro da Companhia de Jesus e uma leitura atenta das informações contidas nas clássicas fontes jesuíticas (catálogos e cartas) revelam-se verdadeiramente surpreendentes.

Apresentamos assim esta biografia de Eusébio da Veiga por ordem cronológica, indicando sempre a principal fonte consultada para extrair informação, de modo a permitir seguir a par e passo este percurso vital.

### a) Naturalidade, filiação e data de nascimento

**1718 (1 de junho)** – Nasce no lugar de Reveles, freguesia de Taveiro, no concelho de Coimbra, Eusébio, filho de Manuel Rodrigues e de Maria Ribeira da Veiga e é batizado nesse dia. (Arquivo da Universidade de Coimbra, *Baptismos (1669/1752) de S. Lourenço de Taveiro, concelho de Coimbra*, fl. 118).

Eusébio da Veiga nascera no lugar de Reveles do Campo, na freguesia de S. Lourenço de Taveiro, no concelho de Coimbra e foi batizado a 1 de junho de 1718.

Foram seus pais Manuel Rodrigues, natural do lugar da Orvieira, freguesia de S. Miguel da Ribeira de Frades, e sua mulher, Maria Ribeira, natural do referido lugar de Reveles, em S. Lourenço de Taveiro, tudo no concelho de Coimbra<sup>8</sup>.

A data de nascimento e naturalidade de Eusébio da Veiga acha-se tratada em todas as fontes com duas imprecisões. A primeira refere-se ao ano de nascimento/batismo, sempre apontado invariavelmente em todas as fontes, como tendo ocorrido a 1 de junho de 1717, quando na verdade foi a 1 de junho de 1718. Julgamos que o próprio Eusébio da Veiga terá declarado ter nascido um ano mais cedo, no momento de entrada no Noviciado em setembro de 1731, pois contaria apenas 13 anos, quando a idade mínima para ser admitido na Companhia de Jesus seria de 14 anos, que de facto só completou no mês de junho seguinte.

No que se refere ao local de nascimento sempre apontado como Reveles, na diocese de Coimbra ou mesmo como Tentúgal, a descoberta do seu registo de batismo dissipou as dúvidas. Existem duas localidades chamadas Reveles na diocese de Coimbra. Uma foi paróquia e acha-se hoje integrada na freguesia de Abrunheira, no concelho de Montemor-o-Velho. A outra é um lugar, hoje chamado Reveles do Campo, que faz parte da freguesia de S. Lourenço de Taveiro, no concelho de Coimbra. Foi nesta última localidade que Eusébio da Veiga nasceu. Nos registos de batismo dessa freguesia encontramos então o seguinte registo:

“Em o primeiro dia do mes de Junho de mil e setecentos e dezouto annos Eu o Padre Manuel Francisco Marcos Cura Coadjutor em esta Igreja de S. Lourenço de Taveiro

---

8 Os seus avós paternos chamavam-se Manuel Rodrigues e Maria Pires e os maternos Francisco Pires e Maria Ribeira.

termo e Bispadado da cidade de Coimbra baptizei a Eusébio filho de Manuel Ruiz e de sua mulher Maria Ribeira, moradores no lugar de Revelles desta freguesia, forão padrinhos Manuel de Almeida e Bernarda, solteira, filha de Estevão Gomes, moradores no lugar de Villa Pouca do Campo, freguesia do Ameal e pella madrinha tocou por procuração seu pay acima dito Estevão Gomes de que fiz este assento que assignei hoje dia, mês e anno ut supra. //O Cura Coadjutor Manuel Francisco Marcos.”<sup>9</sup>

Os pais casaram a 20 de abril de 1712, em S. Lourenço de Taveiro, sendo o celebrante o Padre Francisco Simões da Veiga. Eusébio foi o terceiro de quatro filhos, e as ligações à Companhia de Jesus ficam claras logo no batismo de seu irmão Francisco Xavier, ministrado em 1715, no qual nos aparece como padrinho, ainda que por procuração seu tio materno o Padre Francisco da Veiga, designado como “*Apóstolo na Companhia de Jesus de Coimbra*”. A designação de Apóstolo é típica dos jesuítas na cidade de Coimbra<sup>10</sup>. O nome Francisco Xavier é igualmente uma clara marca jesuítica.

O Padre Francisco da Veiga era, pois, tio materno de Eusébio da Veiga e deve ter contribuído para que este seu sobrinho com 13 anos ingressasse no Noviciado da Companhia de Jesus de Coimbra. Dele sabemos que nasceu no mesmo lugar de Revelles e foi batizado a 9 de fevereiro de 1693, em Taveiro, e era filho de Francisco Pires e de Maria Ribeira (avós maternos de Eusébio da Veiga). Ingressou na Companhia de Jesus a 24 de março de 1707. Foi professor de Filosofia no Colégio de Coimbra de 1727 a 1731. Foi Reitor do Colégio de Santo Antão a partir de 1750, lugar que ainda ocupava em 1752 quando o seu sobrinho assumiu o cargo de Professor da Aula da Esfera do mesmo Colégio. É a ele que em 1754 se dirige o Geral Visconti, para o admoestar pela compra dispendiosa de instrumentos para a *Specula* do Colégio, do qual era já diretor o sobrinho Eusébio da Veiga. Quando foi decretada a lei de expulsão pombalina e deportado para Itália em 1759, achava-se já no Colégio de Coimbra. Veio a falecer em Castelvetro a 25 de janeiro de 1771. Sommervogel noticia que escreveu uma longa resposta ao livro das *Reflexões* de Tosetti, religioso das Escolas Pias, sobre o memorial do Padre Lourenço Ricci,

9 AUC – Arquivo da Universidade de Coimbra, *Registos Paraquiais*, Baptismos (1669/1752) de S. Lourenço de Taveiro, concelho de Coimbra, fl. 118.

10 O apelativo de Apóstolos, como os jesuítas eram chamados em Coimbra, remonta segundo algumas opiniões ao facto de a 9 de junho de 1542, o Padre Simão Rodrigues e doze companheiros, em expressiva atitude simbólica, partirem de Lisboa a caminho de Coimbra, entrando na cidade universitária no dia de Santo António, com o intuito de fundarem o Colégio de Coimbra. Deste grupo de doze estudantes, quatro eram italianos, dois franceses, três espanhóis e outros três portugueses. Este apelativo de “apóstolos” que desde cedo mereceram pela dedicação ao ensino do catecismo e pela abnegação com que se entregaram aos ministérios sacerdotais e a obras caritativas (desde a assistência aos encarcerados e condenados à morte às visitas aos hospitais, sobretudo em ocasiões de epidemias e calamidades), ficou perpetuado numa das artérias do centro histórico da cidade universitária, ainda hoje chamada “Couraça dos Apóstolos”.

Geral da Companhia, apresentado ao Papa Clemente XIII, que nunca chegou a ser publicada<sup>11</sup>.

## b) A entrada na Companhia de Jesus e os anos de formação

**1731 (21 de setembro)** – Ingressa na Companhia de Jesus, no Noviciado de Coimbra, com 13 anos de idade. (Biblioteca Nacional de Portugal, “*Catalogo dos Sogeitos que entrarão em a Comp<sup>a</sup> de Jesus na Provincia de Portugal. Começa em Janeiro de 1711.*”)

Quando Eusébio da Veiga, com 13 anos ingressa no Noviciado de Coimbra, a 21 de setembro de 1731, o grupo de noviços de Coimbra compunha-se de 12 membros<sup>12</sup>. Havia ainda noviços no Noviciado da Cotovia, em Lisboa, e no Noviciado de Évora.

No “*Catalogo dos Sogeitos que entrarão em a Companhia de Jesus na Provincia de Portugal. Começa em Janeiro de 1711.*” aparece registada a entrada de “*Eusebio (Pinheiro) da Veiga, natural de Revelles, Bispado de Coimbra entrou no Noviciado de Coimbra para estudante aos 25 de Setembro de 1731, foi baptizado no 1º de Junho de 1717*”<sup>13</sup>.

Conseguimos acompanhar o longo percurso formativo na Companhia de Jesus de Eusébio da Veiga, através dos catálogos trienais, fonte preciosa que se conserva em Roma, no ARSI (Arquivo Romano da Companhia de Jesus), mas de que a Biblioteca da Casa de Escritores da revista *Brotéria*, em Lisboa, conserva uma cópia digital, desde 2010.

**1734** – 2º Ano de Retórica no Colégio de Jesus em Coimbra (Archivum Romanum Societatis Iesu, Lus. 48, *Catalogus Provincia Lusitanae an 1734*).

O primeiro catálogo onde figura o nome de Eusébio da Veiga é o *Catalogus Provincia Lusitanae an 1734*, (ARSI, Lus. 48). Nesse ano acha-se no Colégio de Coimbra onde era reitor o P. João de Meneses: “221- Fr. Eusebius da Veyga ex oppido Revelles dioc. Conimb. Nat. 1 Junii 1717 Societ ingressus 21 Septembris 1731, bonis viribus Rhetor. 2º anni.”

Aqui, para além do nome, naturalidade, data de nascimento e data de ingresso, indica-se em que ano de estudo se encontra (2º Ano de Retórica) e diz-se que possui boas capacidades.

11 *Bibliothèque de la Compagnie de Jésus – Bibliographie*, par Augustin et Aloys De Backer; Histoire par Auguste Carayon. Nouvelle édition par Carlos Sommervogel. Publiée par la Province de Portugal, Bruxelles-Paris, 1890 (reproduzione anastatica Héverlé-Louvain, Collège philosophiques et théologique S. J., 1960, 12 vol.

12 Os noviços admitidos na Companhia de Jesus no Noviciado de Coimbra no ano de 1731 foram: António Moreira (que veio a ser despedido), António Teixeira, Bernardo de Oliveira, Bráz Duarte, Eusébio da Veiga, Francisco Serra, Francisco de Azevedo, João de Mendonça, Joseph Freire, Joseph Teixeira (Coadj. Temporal), João Barbosa, Manuel Rebelo.

13 BNP – Biblioteca Nacional de Portugal, Reservados 31491-6P.



No *Catalogo secundus ou secreto* são traçadas as suas aptidões nas seguintes categorias: inteligência (*ingenium*), discernimento (*iudicium*), prudência (*prudens*), sentido prático (*experiência in rerum*), aproveitamento escolar (*profectus in litteris*) temperamento (*complexio*) e aptidão para (*talentum*).

As cinco primeiras categorias eram classificadas em: óptimo (*optimus/optimum*), bom (*bonum/bonus*), acima da média (*ultra media*), suficiente (*suficiens*), alguma/para algumas coisas (*aliqualis*), mediana (*pluris media*), medíocre (*mediocre*), nenhuma (*nulla*).

A classificação temperamental era de Colérico, Sanguíneo, Fleumático e Melancólico.

No que se referia às *aptidões para*, no caso de Eusébio da Veiga é sempre indicado como tendo qualidades para o ensino (*ad docendam*).

Habitualmente as aptidões principais dos catálogos secretos eram: para tudo (*ad omnia*), para superior (*ad gubernandum*), para o ensino (*ad cathedram* ou *ad docendum*), para as missões (*ad missionem*), para pregar (*ad concionum*), para administrar (*ad procurator*), para escrever (*ad litteris*), para nada (*ad nihil*).

Ingenium	Iudicium	Prudentia	Experientia in rerum	Profectus in Litteris	Complexio	Talentum
Bonum	Mediocre	Aliqualis	Nulla	Bonus	Sanguinea	

**1737** – 2º Ano de Filosofia no Colégio de Jesus de Coimbra (Archivum Romanum Societatis Iesu, Lus. 48, *Catalogus Primus, Secundus et Tertius Provincia Lusitana Societatis Iesu anni 1737*).

Neste *Catalogus Primus, Secundus et Tertius Provincia Lusitana Societatis Iesu anni 1737*, o seu nome figura no Colégio de Coimbra entre os “*FF Theologi ac Magistri*”: “178 Fr. Eusebius da Veyga Ex oppido Revelles, Dioces. Conimbr. Natus 1 junii 1717 Societ ingres 21 Septembris 1731. Philosophus 2.e anni Bonis viribus.”

Ingenium	Iudicium	Prudentia	Experientia in rerum	Profectus in Litteris	Complexio	Talentum
Bonum	Bonum	Pluris Med.	Aliqualis	Ultra Med.	Melancolica	Ad Docendam

**1740** – Mestre de Latim (in Gymnasii) no Colégio de Jesus de Coimbra (Archivum Romanum Societatis Iesu, Lus. 48, “*Catalogi Provincia Lusitana In triennio R. P. Joseph Moreira Provincialis de eiusdem mandato Per P. Joannem de Abreu Eiusdem R. P. Provincialis Socium Collecti Romam missi Anno 1740*”).

No “*Catalogi Provincia Lusitana In triennio R. P. Joseph Moreira Provincialis de eiusdem mandato Per P. Joannem de Abreu Eiusdem R. P. Provincialis Socium Collecti Romam missi Anno 1740*” aparece o seu nome no Colégio de Coimbra entre os “*Latinitatis Magistri*”, na p. 13: “145 – Fr. Eusébius da Veyga ex pago Revelles, dioces. Conimbricensis natus 24 Maii 1718 socius ingressus 21 Septembris 1731 Magister 10 Gymnasii: bonus viribus.”

**1743** – Mestre de Letras e Humanidades no Colégio de Coimbra (Archivum Romanum Societatis Iesu, Lus. 48, “*Catalogi Provincia Lusitana 1743*”).

No “*Catalogi Provincia Lusitana 1743*” aparece com o nº 119, no Colégio de Coimbra entre os “*Magistri Mathematici et Revisores*”: “119 – Fr. Eusebius da Veiga ex oppido Reveles Diocesis Conimbricensis natus 1 Junni 1717 Societatem ingressus 7 Septembris 1731 Humanitates Litteras docet robusta valetudine”.

**1745** – Mestre de Matemática no Colégio das Artes, em Coimbra, designado como “*Math.seos Deputat*” (Archivum Romanum Societatis Iesu, Lus. 48, “*Catalogus Personarum et officiorum in Provincia Lusitana anno 1745*”).

No “*Catalogus Personarum et officiorum in Provincia Lusitana anno 1745*” figura no Colégio de Coimbra com o nº 108 como primus “*Math.seos Deputat*”.

**1746** – Estuda 1º Ano de Teologia no Colégio de Coimbra (Archivum Romanum Societatis Iesu, Lus. 48, “*Catalogus Personarum et officiorum in Collegio Provincia Lusitana anno 1746*”).

No “*Catalogus Personarum et officiorum in Collegio Provincia Lusitana anno 1746*” aparece no Colégio de Coimbra com o nº 132 como *Theolog. 1º Ann.*

**1747** – Estuda 2º Ano de Teologia no Colégio de Coimbra (Archivum Romanum Societatis Iesu, Lus. 48, “*Catalogus Personarum et officiorum in Collegio Provincia Lusitana anno 1747*”).

No “*Catalogus Personarum et officiorum in Collegio Provincia Lusitana anno 1747*” aparece no Colégio de Coimbra com o nº 139 como *Theolog. 2º Ann.* e com a indicação “*Pres. 3.º cur.*”

**1748** – Estuda 3º Ano de Teologia no Colégio de Coimbra e ensina Matemática e Filosofia no Colégio das Artes (Archivum Romanum Societatis Iesu, Lus. 48, “*Catalogus Personarum et officiorum in Collegio Provincia Lusitana anno 1748*”).

É ordenado presbítero e exerce o ministério de confessor.

No “*Catalogus Personarum et officiorum in Colleg Provincia Lusitana anno 1748*” aparece no Colégio de Coimbra com o nº 120 como *Theolog. 3.i Ann*, mas com a indicação “*Mag. Mathem. et 2.i Philosophia Prases.*”

**1749** – Estuda o 4º Ano de Teologia no Colégio de Coimbra e ensina Matemática e Gramática (Archivum Romanum Societatis Iesu, Lus. 48, “*Catalogi Provincia Lusitana In Triennio R. P. Joseph de Andrade Provincialis De eiusdem mandavo per P. Emanuelem Lobo eiusdem R. P. Provincialis Socium collecti Romam missi Anno 1749*”).

Eusébio da Veiga fora ordenado presbítero em 1748, pois no catálogo deste ano de 1749, o seu nome já figura como *Pater*.

No ARSI, Lus. 48, figura no “*Catalogi Provincia Lusitana In Triennio R. P. Joseph de Andrade Provincialis De eiusdem mandavo per P. Emanuelem Lobo eiusdem R. P. Provincialis Socium collecti Romam missi Anno 1749*”, com o n.º 95, na p. 14, entre os “*Theologi quarti anni*”: “95 P. Eusebius da Veiga ex oppido Revelles Dioces. Conimbricensis nat 1 Jun. 1717 Societ ingres. 26 Sept. 1731; docuit Gramatica per quadocen; docet Mathematic; est Confessionalis virtuatorum: robustus.”

Ingenium	Iudicium	Prudentia	Experientia in rerum	Profectus in Litteris	Complexio	Talentum
Optimum	Optimum	Bona	Aliqualis	Optimus	Phlegmat.	Ad Docendam

**1750** – Ensina no Colégio de S. Francisco Xavier, em Lisboa (no 1º Ano de *Gymnasium*) (Archivum Romanum Societatis Iesu, Lus. 49, “*Catalogi 1750*”) Faz a sua profissão de 4 votos a 15 de agosto desse ano.

No catálogo de 1750 aparece no Colégio de S. Francisco Xavier, em Lisboa, como “*Magister 1.i gymnas.*”

### c) O matemático e astrónomo

No Colégio de Santo Antão, onde viveu desde 1750, Eusébio da Veiga regeu a Aula da Esfera entre 1752 e 1757. Para o observatório astronómico deste colégio, Eusébio da Veiga tratou de adquirir instrumentos científicos, com os quais veio a realizar observações solares e lunares.

**1752** – Professor de Matemática na Aula da Esfera do Colégio de Santo Antão (citado como *Matheseos Professores*, acompanhado de Leonardo da Silva “*Deput 1.us*” e de José Bernardo “*Sinens 2.us*”) (Archivum Romanum Societatis Iesu, Lus. 49, “*Catalogi 1752*”).

No catálogo de 1752, sendo Provincial o Padre Manuel Pimentel, o seu nome figura no Colégio de Santo Antão, do qual era Reitor desde 1750 seu tio, o Padre Francisco da Veiga, como “*Matheseos Professores*”, o “*P. Eusebio da Veiga, Mag. Conf. Eom*” acompanhado dos Irmãos Leonardo da Silva “*Deput. 1.us*” e José Bernardo (Sinens), Chinês como “*2.us*”.

**1753 (26 de outubro)** – Faz observações telescópicas do eclipse total do sol em Lisboa (CARVALHO, Rómulo de – *A astronomia em Portugal no século XVIII*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa: Ministério da Educação, 1985, p. 107).

No dia 26 de outubro de 1753, dá-se um acontecimento meteorológico, que ficou muito popular em Lisboa: um eclipse total do Sol. Sobre este acontecimento o astrónomo português de origem suíça, Miguel Tibério Pedegache<sup>14</sup> (1730/1794) fez a seguinte narrativa, descrita por Rómulo de Carvalho:

“Os telhados, as casas, as ruas estavam pejudadas de homens e mulheres que observavam o Sol, uns através de buracos feitos num pedaço de papel, outros através de vidros fumados. Espetáculo singular. As igrejas encontravam-se igualmente cheias de gente e viam-se algumas pessoas prostradas aos pés dos altares, gente supersticiosa e bastante ignorante para acreditarem que a privação da luz do Sol pressagiava as maiores desgraças. A fraqueza de algumas pessoas levou-as mesmo a mandarem rezar missas pelas almas do Purgatório para que Deus preservasse o mundo do mal de que estava ameaçado.”<sup>15</sup>

Este eclipse teve o seu início às 7 horas e 32 minutos da manhã do dia 26 de outubro, e foram feitos dois grupos de observações, ambos no Observatório do Colégio de Santo Antão. Uma série de observações foi feita por Eusébio da Veiga, numa câmara escura, utilizando para o efeito uma luneta de 10 palmos ou 3 pés e meio (cerca de 1,20 m), através da qual se obtinha uma imagem de 8 polegadas de diâmetro. As outras observações foram realizadas no terraço do Colégio, na qual participaram Miguel Pedegache e um professor de Navegação desse Colégio, de nome Le Vallois. Nestas observações foram utilizadas uma pêndula regulada pelas alturas meridianas tomadas por um quarto de círculo de 3 pés (1,0 m) de raio, e uma luneta

14 Miguel Pedegache escreve a respeito de Eusébio da Veiga, na sua obra *Conjecturas de varios philosophos ácerca dos cometas, expostas e impugnadas*, de 1757 que: “Ainda que eu pudera poupar-me ao trabalho de mandar imprimir esta minha observação, na certeza de que o M. R. P. M. Eusébio da Veiga... digníssimo professor de matemáticas no Real Colégio de Santo Antão, de quem tive a honra de ser adjunto, dará brevemente a sua ao prelo, julguei contudo necessário publicar a minha observação...”. O mesmo Miguel Pedegache, na *Carta aos Sócios do Jornal estrangeiro de Paris* menciona de novo Eusébio da Veiga: “Seria ingratidão se me esquecesse do M, R. P. Eusébio da Veiga da estimável Companhia, professor de matemáticas no Colégio de Santo Antão: todos quantos têm o gosto de o conversar, como amigos, e de o ouvir como discípulos, publicam a sua vasta capacidade e elogiam a sua profunda sabedoria”.

15 Rómulo de Carvalho – *A astronomia em Portugal no século XVIII*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa: Ministério da Educação, 1985, p. 58.

de 4 pés (1,30 m), com retículo.<sup>16</sup> Os resultados destas duas observações, apesar de terem sido realizadas no Colégio de Santo Antão, foram publicados independentemente<sup>17</sup>.

**1754** – Professor de Matemática na Aula da Esfera do Colégio de Santo Antão (Figura nos “*Matheseos Professores*” como *Magister*, acompanhado de Dionísio Franco *1º Deputat* e de Faustino Soares *2º Miss. Sin.*) (Archivum Romanum Societatis Iesu, Lus. 49, “*Catalogi Provincia Lusitana In Triennio R. P. Antonii de Torres Provalis De ejusdem mandato per P. Franciscum Correa eius socium collecti et Romm missi Anno 1754*”).

Em 1754, sendo provincial o P. António de Torres, o seu nome figura no Colégio de Santo Antão, no grupo dos “*Matheseos Professores*” como *Magister*, acompanhado de Dionísio Franco como *1º Deputat* e de Faustino Soares como *2º Miss. Sin.*

Figura ainda no “*Catalogi Provincia Lusitana In Triennio R. P. Antonii de Torres Provalis De ejusdem mandato per P. Franciscum Correa eius socium collecti et Romm missi Anno 1754*”, sob o número 464, no Colégio de Santo Antão, no “*Matheseos Professores*” como “*P. Eusebius da Veiga Prof. 4 vot. Ex opp. Reveles Dioces. Con. Nat 1 Jun 1717 Soc ing. 21 Sept 1731 docuit Hum Lit. Qinq est Mag. bene valet.*”

Ingenium	Iudicium	Prudentia	Experientia in rerum	Profectus in Litteris	Complexio	Talentum
Bonum	Bonum	Sufficiens	Nulla	Bonus	Colerica	Ad Docendam

**1754 (19 março)** – Eusébio da Veiga recebe uma famosa carta do Geral da Ordem, P. Inácio Visconti<sup>18</sup>, a louvá-lo como Professor da Aula da Esfera e a estimulá-lo a continuar a empenhar-se no restauro do ensino da Matemática. O P. Geral escreve igualmente ao Reitor do Colégio de Santo Antão, P. Pedro da Silva, recém-nomeado com o mesmo intento. Os originais transcritos no copiadador estão em Latim e foram traduzidos pelo P. Francisco Rodrigues. (Archivum Romanum Societatis Iesu, Lus. 36, f. 145 / Francisco Rodrigues – *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*. Tomo IV, vol. 1. Porto: Apostolado da Imprensa, 1950, p. 420 ss.)

Os primeiros anos da sua entrada na Companhia de Jesus coincidiram com um esforço por parte dos inacianos no reflorescimento dos estudos de matemática na

16 Rómulo de Carvalho recolheu estas informações de uma carta, datada de 13-XI-1753, do oratoriano João Chevalier, enviada de Lisboa, para De l'Isle. Chevalier enviou estas informações embora não tenha participado nas observações. Esta carta faz parte de documentação existente no *Observatório de Paris*, Tomo XII, nº 2621.

17 Cf. <http://nautilus.fis.uc.pt/mocho/local/local/unfinished/teses/1Parte/Cap.2/cap2-3/cap2-3.htm>

18 Inácio Visconti foi prepósito geral da Companhia de Jesus de 4 de julho de 1751 a 4 de maio de 1755.

Província, tendo sido Eusébio da Veiga um dos que mais os promoveram<sup>19</sup>. Eusébio da Veiga e o novo Reitor do Colégio de Santo Antão, P. Pedro da Silva, recebem cartas do Geral da Companhia, P. Inácio Visconti, a estimular o ensino da Matemática. O Geral e o Provincial concordavam que “era mister escolher um professor que se desse com todas as forças ao ensino; e mais ainda se lhe juntassem alguns estudantes nossos, que se aplicassem com a maior diligencia à matemática; e que o professor desse algumas exhibições públicas, que ajudassem a tirar da Companhia a fama ou desdouro, que homens pouco amigos espalharam, de que os nossos professores ou ignoravam ou deixavam afrouxar esses esforços”. É sabido que a campanha anti-jesuítica pombalina, o ensino nos colégios da Companhia será acusado de estar obsoleto, e o ensino científico e experimental estar ausente. Os estudos dos historiadores de ciência, Ugo Baldini, Henrique Leitão, Luís Miguel Carolino e Luís Tirapicos têm vindo a provar que estas acusações carecem de fundamento<sup>20</sup>.

A famosa carta que Eusébio da Veiga recebeu do Geral da Companhia é do seguinte teor:

“De quanto agora li na carta de V. Rev<sup>a</sup> pude conhecer a prudência que levou o P. Provincial a colocar V. Rev<sup>a</sup> nesse colégio de Santo Antão, como público professor de Matemática. Vejo que ele comprazera com o génio de V. Rev<sup>a</sup>, inclinado para esta ciência matemática, e com o seu talento, já comprovado pela experiência. Louvo a maneira como V. Rev<sup>a</sup> trabalha em ressuscitar uma ciência quase sem vida, na cidade, que é capital de todo o reino, onde era menos decoroso para a Companhia ter uma cadeira, a ela confiada, e não tratar de modo nenhum de adiantar as ciências que nessa cadeira se ensinam. Sei o empenho que V. Reverencia emprega em restaurar um estudo até agora decaído, nem é necessário estímulo meu, para V. Rev<sup>a</sup> insistir no mesmo entusiasmo do ensino. Só lhe recomendo que não se poupe a fadigas para que o estudo das matemáticas cresça não só entre os nossos estudantes de casa, como entre os externos, que frequentam a aula pública. Para lhes atrair os ânimos, será o mais forte atractivo, se o rei Fidelissimo estiver de acordo com V. Reverência e dê liberalmente cada ano dinheiro para prémios desses estudantes. Quanto estiver em meu poder e V. Rev<sup>a</sup> precisar do meu auxílio, para promover e fazer progredir esta ciência, estarei pronto para o favorecer, nem deixarei de recomendar o que V. Rev<sup>a</sup> deseja e pede (...) Seja de grande consolação para V. Rev<sup>a</sup> que

19 Francisco Rodrigues – *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*. Tomo IV, vol. 1. Porto: Apostolado da Imprensa, 1950, p. 420 ss.

20 Cf. Ugo Baldini – *The Teaching of Mathematics in the Jesuit Colleges of Portugal from 1640 to Pombal*. In Luís Saraiva e Henrique Leitão (eds.) – *The Practice of Mathematics in Portugal*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2004. Luís Miguel Carolino, Carlos Ziller Camenietzki (org.) – *Jesuítas, Ensino e Ciência (séculos XVI-XVIII)*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2005. Henrique Leitão – *Sphaera Mundi: a ciência na aula da esfera: manuscritos científicos do Colégio de Santo Antão nas coleções da BNP / comissariado científico Henrique Leitão; coord. técnica Lígia de Azevedo Martins; estudos Henrique Leitão [et al.]; apresentação Jorge Couto*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2008; Henrique Leitão – *A Ciência na “Aula da Esfera” no Colégio de Santo Antão, 1590-1759*. Lisboa: Comissariado Geral das Comemorações do V Centenário do Nascimento de S. Francisco Xavier, 2007, 110 p.

eu esteja sabedor de que por sua diligência e indústria tenha a matemática recebido tão grande incremento.”<sup>21</sup>

Na carta que no mesmo dia dirige ao P. Pedro da Silva, Reitor do Colégio de Santo Antão, refere-se a Eusébio da Veiga, dizendo: “e sei que pela diligência e aplicação do Professor actual já comprovadas por antiga experiência, começou a se restaurar esta disciplina na aula da Esfera do colégio de Santo Antão”<sup>22</sup>.

**1755** – Publica *Eclipsis Partialis Lunae, Observata Ulyssipone die vigesima septima Martii anno 1755 / A' R. P. Mag. Eusebio da Veiga Societ. Jesu, Publico Mathematicae Professore in Regio Studiorum Generalium Ulyssiponensium Collegio, et A' Josepho Teixeira Ejusdem Societatis, ibidem Matheseos auditore, & observationum socio. Ulyssipone: ex Praelo Michaelis Manescal da Costa, Sancti Officii Typographi, 1755.*

**1755 (1 de novembro)** – O terramoto destrói a “*Especula*” ou Observatório Astronómico do Colégio de Santo Antão, e Eusébio da Veiga perde os cálculos que tinha feito para ordenar as Efemérides Astronómicas do ano de 1756.

Em 1755 já Eusébio da Veiga tinha os cálculos preparados para os dar à estampa, mas o grande terramoto de 1 de Novembro, que destruiu parte do Colégio de Santo Antão, e derrubou o seu Observatório, reduziu tudo a cinzas.

Quatro anos volvidos, do inventário dos bens sequestrados no Colégio de Santo Antão, em Lisboa constam apenas os seguintes instrumentos matemáticos: “*INSTRUMENTOS MATEMÁTICOS E PRATA // um globo Terrestre // duas esferas armilares, uma maior com seu pé de talha dourada, e a outra pequena, ambas de latão // dois óculos de dezoito palmos e mais outro de dez palmos // duas pêndulas de mes, uma delas com indice de tempo médio (Nota à margem que diz “Estas pendulas foram entregues por Aviso da Secretaria a António José Galvão, Oficial da mesma, com alguns Instrumentos de Matemática”) // um despertador // um quadrante astronómico inglês // um compasso de calibre // uma agulheta de marcar, graduada, e de três polegadas de comprido // algumas patarnetras (sic) // um semi circulo de estojo e outros instrumentos miúdos, quase de todo destruídos pelo Terramoto // uma máquina pneumática de forma pequena, com os vidros e recipientes necessários para os experimentos físicos do ar”. // (seguem-se pratas) – Nota à margem: “Os instrumentos que de presente foram achados foram entregues ao Perfeito dos Estudos do Colégio dos Nobres, como consta do Aviso apenso e Registo de entrega”<sup>23</sup>*

21 Francisco Rodrigues – *História da Companhia de Jesus...*, p. 420-421.

22 *Ibidem*.

23 *Documentos para a História da Arte em Portugal*, Arquivo do Tribunal de Contas – Colégio de Santo Antão, São Roque, São Francisco Xavier e Noviciado de Arroios. Vol. 5. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1969, p. 9-10.

**1756** – Publica *Planetario Lusitano para o anno de 1757, Dedicado Ao Illustrissimo, E Excellentissimo Senhor Dom João, Calculado para o Meio Dia do tempo verdadeiro no Meridiano de Lisboa / pelo P. Eusebio da Veiga Da Companhia de Jesus, Professor publico de Mathematicas no Real Collegio dos Estudos Geraes de Santo Antão da mesma Cidade. Lisboa: na Officina de Miguel Manescal da Costa, Impressor do Santo Officio, 1756*. Foram as primeiras efemérides astronómicas portuguesas publicadas, calculadas “para o meio dia do tempo verdadeiro no meridiano de Lisboa”.

No prólogo desse *Planetário* de 1757, esclarece o autor que:

“No nosso Reino de Portugal uma das ciências mais úteis é a náutica... Praticando com uma mão o exercício desta ciência e manejando as armas com a outra, se conservou sempre o corpo desta monarquia, aumentando cada vez mais os seus domínios em tantas partes do mundo, quantas hoie se conhecem só pelo nome português. Para que este nome e fama se conserve e não haja em nós aquela decadência em que alguns émulos nos consideram, resolvi-me a tomar o trabalho de ordenar e calcular este Planetário, cooperando também com os desejos de muitos estudiosos, a fim de os adiantar e promover no estudo das ciências matemáticas, que neste século são tão apetecidas e se mostram tão plausíveis ao orbe literário”<sup>24</sup>.

Sobre o valor deste primeiro *Planetário*, se refere o cosmógrafo-mor do Reino, Luís Francisco Pimentel:

“O Livro é um excelente compêndio de toda a astronomia, no qual se expõe em doutos e instrutivos documentos, quanto há de mais útil e deleitável nas ciências matemáticas; e pela edição desta obra entendo adquirirá seu autor bem merecidos aplausos assim pelo acerto com que a tem composto, como pelo proveito e adiantamento, que por ela poderão alcançar os estudiosos desta faculdade.”<sup>25</sup>.

A ele se refere no seu *Diccionario Bibliografico Portuguez*, Inocêncio Francisco da Silva, dizendo que: “A este sábio jesuíta devemos pois as primeiras *Ephemérides* regulares e methodicas, que em Portugal se publicaram, coordenadas por modo que não tinham que invejar as que então se haviam por mais perfeitas na Europa, isto é, as de Paris, dadas pela respectiva Academia das Ciências, e às de Bolonha. A sua inesperada e não merecida expulsão do Reino o impediu de prosseguir neste trabalho, que prometia continuar nos annos futuros em quanto (diz elle no pro-

24 Eusébio da Veiga – *Planetario Lusitano para o anno de 1757, Dedicado Ao Illustrissimo, E Excellentissimo Senhor Dom João, Calculado para o Meio Dia do tempo verdadeiro no Meridiano de Lisboa / pelo P. Eusebio da Veiga Da Companhia de Jesus, Professor publico de Mathematicas no Real Collegio dos Estudos Geraes de Santo Antão da mesma Cidade*. Lisboa: na Officina de Miguel Manescal da Costa, Impressor do Santo Officio, 1756.

25 Francisco Rodrigues – *História da Companhia de Jesus...*, p. 423.



logo) “Deus lhe concedesse os alentos de vida, com possibilidade para o mesmo intento”<sup>26</sup>.

**1758** – Professor de Filosofia no Colégio de Santo Antão, em Lisboa, onde reside (*Status Antiquae Provinciae Lusitaniae Soc. Jesu. Tempore Persecutionis Pombalinae* 13 dec. 1758 – 14 aug. 1760, [s. e.], Olysiptone, 1905).

– Publica *Planetario Calculado: e com as regras necessarias para se poder usar delle não só em Lisboa, mas em qualquer Meridiano, Dedicado Ao Illustrissimo, E Excelltissimo Senhor D. João / Por Seu Author o P. Eusebio da Veiga Da Companhia de Jesus, Professor publico que foi de Mathematicas, e agora Filosofia no Real Colegio dos Estudos geraes de Santo Antão na Cidade de Lisboa. Para uso da Nautica, e Astronomia em Portugal, e suas Conquistas. Lisboa : na Officina de Miguel Manescal Da Costa, 1758*. Nesta edição inclui as efemérides para os anos de 1759 a 1761, observações dos eclipses de 1753, 1755, 1757 e “muitas mais tábuas novamente ordenadas para uso da Astronomia e da Navegação”.

Esta publicação foi alvo de notícia publicada na *Gazeta de Lisboa* de 1758, onde se reporta que:

“saiu impresso o Planetário Lusitano com efemérides calculadas para os três anos que vão de 1759 a 1761. Contém muito mais preceitos e problemas do que no Planetário do ano antecedente se tinham divulgado, e muitas mais tábuas novamente computadas e ordenadas para o uso da astronomia e navegação em Portugal e suas conquistas; tudo regulado com método mais perdurável e constante, para se continuar a mesma obra nos tempos vindouros, composto e aumentado pelo P. Eusébio da Veiga da Companhia de Jesus, Mestre que foi de Matemáticas e agora de Filosofia no Colégio de Santo Antão em Lisboa.”<sup>27</sup>

– Publica *Observatio Eclipsis Solaris Die 26 Octobris anni 1753, Habita Ulyssipone in Aula Sphaerae Regalis Collegii D. Antonii Magni / A P. Eusebio Da Veiga Societatis Jesu, Publico ibidem Mathematicae Professore. [Lisboa? : s.n., 1758*.

#### d) A expulsão e o exílio nos Estados Pontifícios

A 13 de dezembro de 1758, após terem sido presos diversos membros da família Távora, as tropas reais cercaram as casas dos jesuítas com o pretexto, invocado por Sebastião José de Carvalho e Melo, de defender os religiosos da fúria da plebe

26 Innocência Francisco da Silva – *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Tomo II. Lisboa, 1859, p. 248.

E acrescenta no final da nota biográfica de Eusébio da Veiga: “O Planetario é obra hoje menos conhecida, e de que pouco ou nenhum caso se faz. Eu tenho um bom exemplar, comprado ha annos pela insignificante quantia de 80 reis!”

27 *Gazeta de Lisboa*, 1758, p. 240.

enraivecida pela responsabilidade que acreditava terem os jesuítas no atentado contra a vida de Sua Majestade. O principal acusado, o duque de Aveiro, teria mencionado como cúmplices quatro jesuítas. A 22 de dezembro, são realizadas buscas nas casas da Companhia, na sequência das suspeitas levantadas sobre a sua hipotética participação no atentado régio.

O ano de 1759 será decisivo para o designado “Negócio Jesuítico”.

Logo a 11 de janeiro, dez padres da Companhia são encarcerados com a acusação de conspiração contra D. José I, entre eles o provincial, Padre João Henriques e o famoso Padre Gabriel Malagrida, e dois dias depois doze pessoas da família Távora são barbaramente justiçadas, depois de um processo cruel. Os implicados no atentado régio, nobres, religiosos e oito padres jesuítas que tiveram algum tipo de convivência com os Távora e Aveiro, foram presos num mesmo cárcere, a prisão da Junqueira.

Seis dias mais tarde, a 19 de janeiro, por carta régia os jesuítas foram acusados de conspirar contra a vida do monarca e de defender doutrinas perniciosas, como o tiranicídio, e foi-lhes comunicado que deveriam considerar-se como prisioneiros em suas casas. O rei ordenou a confiscação de todas as propriedades dos jesuítas, o designado sequestro de bens, bem como o cerco às casas da Companhia. Iniciava-se assim o longo período de sete meses de cerco às casas e colégios dos inicianos, onde as tropas reais conservam os jesuítas incomunicáveis e limitam mesmo os ministérios sacerdotais nas suas igrejas.

A 15 de abril é solicitada ao Papa permissão para que os eclesiásticos cúmplices no atentado contra o rei D. José pudessem ser julgados por tribunais civis, e cinco dias mais tarde o soberano por carta autógrafa explica ao Papa porque foi necessário proceder contra os jesuítas, tomados por incorrigíveis e aludindo-se já à sua próxima expulsão.

A ação de reforma no campo pedagógico dá-se ainda antes do decreto de expulsão, pois a 28 de junho são criadas as escolas de primeiras letras, extinguindo-se as escolas reguladas pelo método iniciano, ao mesmo tempo que é proibida a utilização da obra do padre Manuel Álvares, conhecida como *A Arte da Gramática Latina*, sendo substituída pelo *Novo Método da Gramática Latina*, do padre António Pereira de Figueiredo, oratoriano. Logo de seguida, a 6 de julho, D. Tomás de Almeida é nomeado Diretor-geral dos Estudos no Reino e Domínios (aquilo que seria um antepassado dos Ministérios da Educação), e a 29 de agosto seriam nomeados os primeiros professores régios.

A 2 de agosto, o Papa enviara despachos para Portugal, nos quais autorizava a entrega ao tribunal secular dos jesuítas acusados de estarem implicados no atentado ao rei, pedindo clemência para os criminosos, e implorando ao soberano que não expulsasse os jesuítas de Portugal.

Mas, a 11 de agosto, o pontífice vê-se constringido a emanar em breve o seu assentimento ao julgamento por um tribunal secular – a Mesa da Consciência e Ordens – dos religiosos implicados.

O dia 3 de setembro de 1759, data em que se completava um ano sobre o atentado contra o rei D. José, foi o dia escolhido, de forma inequívoca, para a publicação da lei que expulsava os jesuítas.

“Declaro os sobreditos Regulares na referida forma corrompidos, deploravelmente alienados do seu Santo Instituto, e manifestamente indispostos com tantos, tão abomináveis, tão inveterados e tão incorrigíveis vícios para voltarem à observância dele, por notórios rebeldes, traidores, adversários e agressores, que têm sido e são actualmente, contra a minha Real Pessoa e Estados, contra a paz pública dos meus reinos e domínios, e contra o bem comum dos meus fiéis vassalos; ordenando que como tais sejam tidos, havidos e reputados; e os hei desde logo, em efeito desta presente lei, por desnaturados, proscritos e exterminados; mandando que efectivamente sejam expulsos de todos os meus reinos e domínios, para neles mais não poderem entrar”<sup>28</sup>.

**1759 (16 de setembro)** – São expulsos os jesuítas do Colégio de Santo Antão. Eusébio da Veiga e 16 jesuítas são reunidos aos jesuítas do Noviciado da Cotovia e embarcados no dia 17 de setembro (num barco com os 133 primeiros exilados) para os Estados Pontifícios, numa nau de carga de Ragusa, comandada por José Orbich. A 28 de setembro passam em Alicante. Chegam a Civitavecchia a 24 de outubro (José Caeiro – *História da Expulsão da Companhia de Jesus da Província de Portugal*. Lisboa: Ed. Verbo, 1999, vol. III, p. 239 e ss).

A saída dos jesuítas de Santo Antão é descrita de modo circunstanciado pelo Padre José Caeiro, um dos exilados companheiros de Eusébio da Veiga:

“Os membros do colégio de Santo Antão, de Lisboa, embora não soubessem ao certo que iam ser levados para a Itália, não foram colhidos de improviso pela calamidade dessa noite, pois tinham sabido que se juntavam veículos num lugar perto, por ordem dos executores da justiça; e que isso se fazia para os jesuítas serem conduzidos para uma nau já preparada. Assim, à uma hora depois da meia noite, o desembargador Manuel Inácio Moura, que tratara desde o princípio das coisas do colégio, entrando nele com outro desembargador, avisou os padres que se levantassem depressa das camas e que o seguissem. Acrescentou que nada se permitia levarem consigo, além de uma camisa. Que essas eram as ordens que tinha, ninguém o negará, se reflectir nos outros actos deste desembargador e na inclinação favorável que mostrou para com os jesuítas. Pensando aí, triste e choroso, nas desgraças de Portugal, tanto presentes como futuras, não duvidou chamar felizes aos exilados e dizer que ele próprio seria

28 *Collecção de Leis, Decretos e Alvarás, Ordens régias e editaes, que se publicárão desde o Anno de 1759 até 1764.*

venturoso, se lhe permitissem acompanhá-los. Entretanto, dois agentes do Rei, levaram consigo, para sítios diversos os padres Diogo da Câmara, tio paterno do Conde da Ribeira; e Nuno da Cunha, irmão do Conde de Povolide. Pouco depois Francisco de Portugal, irmão do Conde de Valença, e Joaquim Xavier, foram levados de casa, com igual companhia, todos, como se divulgou, foram deportados com guarda de escolta, para casas de outras ordens religiosas, longe da cidade. Também este acto despertou grande preocupação tanto neles próprios como nos outros; pois, tendo sido imposto aos desembargadores e aos agentes que a nenhum deles explicassem para onde havia de ir, uma vez feita tal separação, cada um convencia-se de que ia ser levado para as enxovias carvalhanas e que nelas tudo viria a ser muito duro. Gastou-se quase meia hora na preparação. E depois, com o mesmo aparato, foram levados para junto dos da Cotovia e companheiros, os padres Francisco Fróis, Reitor, José Sampaio, Nicolau Ribeiro, José Galvão, Eusébio Veiga, Inácio Carvalho, João Alberto, João Vignier, Manuel Castro, Brás Andrade, Reitor de Arroios, João Antunes, Francisco Correia, Inácio António, Manuel do Rego e Nicolau Gouveia; além destes, dois brasileiros: Manuel Andrade e José dos Reis Caturro.

Era tal o aperto dos retidos na sala, que todos se viam obrigados a estar de pé, e não podiam mudar de lugar sem enorme dificuldade. Assim foram mantidos até à aurora; nem duvidavam de que o decreto do exílio, cheiíssimo de injúrias e ignomínias, havia de ser lido diante dos que tinham de partir. Portanto, exortavam-se uns aos outros a tolerarem ainda esta ignomínia, com espírito cristão e religioso. Mas o decreto, embora Carvalho divulgasse depois ter sido datado a 3 de setembro, todavia, quando estas coisas se realizavam, consta que não estava ainda escrito. Depois do nascer do Sol, o desembargador José Pereira Moura leu, em voz alta, um escrito com os nomes dos jesuítas da Cotovia; e causou admiração que usasse de palavras honrosas, quando eles eram tratados tão desrespeitosamente. De facto, tendo de mencionar os nomes de cada um, chamava-lhe Reverendíssimo Padre, o que fora até proibido em antigos decretos dos Reis. Depois disto, cercando-os um pelotão não só de soldados mas também de escolta, e levando eles na mão as suas coisas, chegaram à margem do rio. Embarcados em botes com o desembargador e a comitiva, entraram na nau. Em todo o percurso estava mandado que as embarcações se mantivessem a distância, a fim de não poderem ser reconhecidos os jesuítas nem anunciado no percurso que tinham sido exilados. Depois chegaram à nau os de Santarém; aí os deixou, sem os saudar, o desembargador Pereira Moura que, no trajecto, nem sequer uma palavra lhes disse. Os expulsos da Casa Professa embarcaram logo em seguida aos da Cotovia. Os padres do colégio de Santo Antão foram os últimos a subir.

Tinham-se colocado, nos dois lados da nau e nas margens, arcabuzeiros com armas; e também uma barca, cheia com um pelotão de soldados, vigiava constantemente as sentinelas e dava ordens às outras embarcações, que passavam, para se afastarem. Dentro da nau três desembargadores e os secretários, sentados no castelo da popa, anotavam os nomes dos que chegavam e da casa donde provinha cada um. Feito isto,

eram mandados para baixo para o porão. Pouco depois, foi-lhes concedido manterem-se ao ar livre; mas providenciou-se a que não subissem ao convés e às amuradas, ou se aproximassem dos bordos. Mas isto, em seguida, foi imposto com descuido.”<sup>29</sup>

**1767** – Reside em Castelgandolfo, na Villa Hibernia (casa de campo do Colégio Romano, desde o seu desembarque em 1759 até 1772). (Archivum Romanum Societatis Iesu, Lus. 41, *Catalogus generalis Assistentiae Lusitania factus ut videtur 1767*).

O acolhimento e socorro à avalanche de refugiados portugueses que aportou em Civitavecchia foi assaz complicado. O padre geral, Lorenzo Ricci, desdobrou-se em esforços para acomodar o maior número nas diversas casas de campo que a província romana e a própria cúria possuíam nos arredores de Roma, nomeadamente em Castelgandolfo, em Tivoli e em Frascati, bem como em três palácios romanos, o Palácio Sora, o Palácio Inglês e o Palácio do Trastevere.

A cidade eterna e as aprazíveis *villas* dos arredores, que serviam de casa de campo aos jesuítas romanos, transformam-se, por seu turno, num enorme albergue. Na memória que em 1779 faz o embaixador de Portugal, D. Henrique de Meneses a Ayres de Sá e Mello, é traçado em modo genérico o panorama da situação.

“No tempo da Companhia, houve muitas, e numerosas cazas de Jesuítas Portuguezes desterrados: A primeira em Frascati na Quinta da Rufinella, em que habitavam 140: a segunda em Castel-Gandolfo, de igual numero; a terceira em Roma no Palacio Sora de 220 sogeitos. Quarta também em Roma no Palacio Inglez de 150: Quinta na mesma cidade em Transtevere de 110. Depois se mandaram 130 para hum Palacio em Urbania e outros tantos para o Poggio Imperial de Pesaro.”<sup>30</sup>

Em 1780, o mesmo D. Henrique de Meneses traça um retrato mais vivo e circunstanciado da chegada dos refugiados portugueses e do estado económico em que viveram até à supressão da Companhia, numa relação que intitula *Estado dos Ex-Jesuítas Portuguezes no anno de 1780*:

“Á chegada dos Padres Portuguezes da Companhia aos Portos do Domínio Pontificio, foram logo pelo seo P. Geral distribuídos em várias Cazas de Roma, e da Província, e sustentados todos pellas rendas dos Collegios da Companhia; alguns foram empregados em lugares que lhes davam com que passar. Quando succedeo a expulsão dos Domínios de Hespanha e das Sicílias, achando-se o Geral mais apertado por falta das remessas, que tirava daquellas Províncias, pedio ao Santo Padre Clemente XIII os Palácios da Câmara, em Pesaro e Urbania que não tinham uso algum, para recolher nelles alguns dos Padres

29 José Caeiro – *História da Expulsão da Companhia de Jesus...*, p. 239-240.

30 ANTT, Ministério dos Negócios Estrangeiros, Legação de Portugal em Roma, Caixa 828 (1777/1780), Ofício nº 52 de D. Henrique de Meneses para Ayres de Sá e Mello. Roma, 11 de novembro de 1779.

Portugueses; e sendolhe concedidos, mandou viver nos dittos Palácios mais de 200 Indivíduos, dando a cada hum por dia hum Paolo (que faz 85 reis); e vendo que não podião subsistir com tão pouco, recorreo ao Santo Padre, o qual do Cofre da Componenda, que he dinheiro para esmollas, mandou dar 20 escudos (que fazem 17\$000 rs) por anno a cada hum para o vestiário. Esta mesma esmolla foi continuada por algum tempo pelo S. P. Clemente XIV que depois a mandou tirar.”<sup>31</sup>

Os três locais principais onde são acolhidos, nos arredores de Roma, foram Castelgandolfo, Frascati e Tivoli.

**Castelgandolfo**, elegante vila estiva dos Papas desde Urbano VIII até ao presente pontífice, alcandorada sobre o lago Albano, foi a última morada de um elevado número de jesuítas portugueses. Existe ainda ali a Villa Hibernia, que foi a residência estiva do Geral dos jesuítas e do Colégio Romano, até à supressão. Os refugiados chegados no terceiro e quarto navios, e desembarcados a 6 e 7 de fevereiro de 1760, dirigiram-se para esta casa de campo de Castelgandolfo, a Villa Hibernia.

No apêndice à edição das *Memórias de um Jesuíta prisioneiro de Pombal*, diz o P. Joaquim Abranches<sup>32</sup>:

“Junto á Igreja da casa dos Jesuítas em Castel Gandolfo, antiga casa de campo da Cúria Geral da Companhia, que o último Superior Geral, antes da supressão – Lorenzo Ricci – pusera à disposição dos seus atribulados filhos de Portugal, há um sarcófago com as ossadas de 82 jesuítas portugueses, que ali terminaram os dias do seu exílio. Sobre a porta lê-se esta inscrição: EXUVIAE PATRUM AC FRATRUM // EX ANTIQUA PROVINCIA LUSITANA SJ // QUI SUB POMBALIO // POST DURA QUAEQUE PERPESSA // IN EXILIUM DEPORTARI MALUERUNT // QUAM SOCIETATEM JESUS DERELINQUERE.”<sup>33</sup>

O cronista exiliado, Manuel Luengo, refere-se à transferência dos jesuítas de Castelgandolfo para a Villa Ruffinella, em Frascati, ocorrida em 1772, dizendo que esta última

“es una granja y casa de campo muy magnífica y deliciosa del Colegio Romano. No parece que puede haber otra causa de esta orden, que necesariamente será muy molesta para aquellos pobres portugueses, que el no gustar el Papa de ver cerca de sí a unos hombres que son tan poco de su agrado, y aun se puede decir que aborrece y acaso también

31 AHU – Arquivo Histórico Ultramarino/Lisboa, *Negócio dos Ex-Jesuítas Portuguezes* (doc. autografo de D. Henrique de Meneses, Conde da Ericeira), abril de 1780, Reino 74, doc. 2742.

32 Anselmo Eckart – *Memórias de um Jesuíta prisioneiro de Pombal...*, p. 260-270.

33 A tradução desta lápide é a seguinte: “Restos mortais dos Padres e Irmãos da antiga Província Portuguesa SJ, que sob o governo de Pombal depois de duros sofrimentos, preferiram ser deportados para o exílio a abandonar a Companhia de Jesus”. Aquando da fugaz visita que fizemos a esta *villa* em outubro de 2003 não conseguimos localizar esta lápide.

que teme, pues el tenerlos delante todos los días sería fácilmente causa de que se les excitasen los remordimientos de su conciencia por la injusticia que acaba de ejecutar.”<sup>34</sup>

Quando passou à Câmara Apostólica foi decidida a sua venda, sendo então os jesuítas portugueses transferidos para a Villa Ruffinella, em Frascati.

Junto a **Frascati** (em latim Tuscoli), na saída para Roma, já na via Tuscolana, os jesuítas compraram em 1741 a Villa Ruffinella (hoje chamada Villa Tuscolana) e mandaram reedificar a casa e adaptá-la a residência estiva, sob projecto de Vanvitelli, para recreio dos estudantes do Colégio Romano. O primeiro jesuíta português a morrer em Tuscoli, e por sinal em solo pontifício, foi o P. Félix Carrilho, a 11 de dezembro de 1759, a pouco mais de um mês de ter desembarcado num dos dois primeiros barcos, o que leva a supor que um primeiro grupo de refugiados se tenha dirigido imediatamente para Frascati. Em 1780, o Conde da Ericeira, no subcapítulo da sua memória intitulado *Relação do Hospício dos Jesuítas Portuguezes na Quinta da Ruffinella junto a Frascati distante 4 Leguas de Roma*, faz o retrato das condições de vida nesta casa:

“Esta quinta da Ruffinella pertencia ao Collegio Romano dos PP. da Companhia que edificaram nella huma grande e cómoda caza para a villeggiatura dos Indivíduos que viviam no ditto Collegio. Depois da extinção querendo os Administradores dos bens confiscados della, vender as cazas, e vinhas de Castelgandolfo em que moravam os PP. Portuguezes, mandarão que estes passassem para a Quinta da Ruffinella e lhe deram hum Presidente, e outros Indivíduos, que lhe subministram os alimentos e o vestiário; pois que aquelles Padres, vivendo no campo, não tem meios de procurar esmollas de missas. (...) Na acomodação estão muito bem; o que assim não sucede nos alimentos. Viviam neste Hospício 68 Padres: a saber: 51 sacerdotes e 17 leigos.”<sup>35</sup>

A casa veio a ser vendida em 1787 e a maior parte dos jesuítas transferiu-se para as casas do Trastevere, Urbania e Pesaro como bem atesta um officio desse ano: *Os Ex Jezuitas Portuguezes do Convito da Ruffinella em Frascati, já despejarão aquella quinta, que he da Camera, e se unirão parte com os deste Convito de Roma, e outros com os de Pezaro, Urbania e outros lugares.*<sup>36</sup>

Os jesuítas tinham ainda em Tivoli (em latim Tibure) uma casa de campo, bem como um colégio. O primeiro grupo de refugiados, chegado a 24 de outubro de 1759, permaneceu em Civitavecchia, hospedado nas celas vazias dos conventos franciscanos e dos irmãos de S. João de Deus, e um grupo de 38 parece ter-se dirigido

34 Manuel Luengo, *Diario*, 15 de septiembre de 1773.

35 AHU – Arquivo Histórico Ultramarino/Lisboa, *Negócio dos Ex-Jesuítas Portuguezes* (doc. autógrafo de D. Henrique de Meneses, Conde da Ericeira), abril de 1780. Reino 74, doc. 2742.

36 ANTT, Ministério dos Negócios Estrangeiros, Legação de Portugal em Roma, Caixa 829 (1787). Offício nº 45 de José Pereira Santiago para Martinho de Mello e Castro. Roma, 7 de novembro de 1787.

a Tivoli a 6 de novembro de 1759. Segundo o *Cathalogo Generalis Assistentiae Lusitanae* de 1767, faleceram apenas dez jesuítas portugueses nesta *villa*. Em 1779, já se não achava nenhum jesuíta português em Tivoli, pelo que aparentemente serviu de albergue apenas até 1767.

A expulsão dos jesuítas espanhóis dos Reinos de Espanha e das Duas Sicílias, em 1767, veio trazer cada vez maiores problemas ao P. Geral, Lorenzo Ricci, que se já com dificuldades conseguia prover ao sustento e acomodação dos inicianos portugueses, vê-se agora a braços, de um dia para o outro, com os numerosos jesuítas das províncias espanholas e napolitanas.

A solução encontrada foi recorrer ao Papa Clemente XIII que disponibilizou dois edifícios pontifícios da Câmara Apostólica, no ducado de Urbino, nas Marcas, concretamente o antigo Palácio Ducal de Urbania e a Villa ou Poggio Imperial de Pesaro.

Assim, em 1768, cento e vinte jesuítas portugueses foram acolhidos em Urbania e aqui viveram no Palácio Ducal de Castel Durante até à morte do último em 1822 (P. João Peixoto), o mesmo tendo sucedido no Poggio Imperial ou Villa Imperial de Pesaro, que acolheu cento e quarenta jesuítas.

#### e) A supressão da Companhia em 1773 e a derradeira estadia em Roma

Com a supressão da Companhia de Jesus em 21 de julho de 1773 pelo Papa Clemente XIV, a situação dos jesuítas que se encontravam desterrados na Itália passa a ser ainda mais aflitiva. A maior parte vivia nos Estados da Igreja, alimentados a expensas do erário pontifício. Passavam de quinhentos esses religiosos repartidos por várias casas ou *convittos*, em Roma, Frascati, Castelgandolfo, Pesaro e Urbania.

**1773** – Reside em Roma, com 56 anos de idade (Arquivo do Tribunal de Contas, *Lista dos Individuos Ex-Jesuítas Portoguezes assistentes no Estado do Pontifice*, Ms. 267).

**1774** – Reside em Roma, com 57 anos de idade (ARSI, Lus. 40 b, *Nota degli Individui Ex-Gesuiti Portoghesi Dimoranti nello Stato Ecclesiastico*, 1774).

Os dois catálogos de exilados do período da supressão são lacónicos relativamente à residência de Eusébio da Veiga no período que vai desde o abandono de Castelgandolfo, em 1773 a 1780. Estava em Roma e as hipóteses de se ter acolhido ao *convitto* do Trastevere é provável, mas existem outras possibilidades que vão desde a antiga casa professa do Gesù até ter ido logo em 1773 para o Hospício de Santo António dei Portoghesi, onde seguramente já se achava em 1780.

Após a morte de D. José em 1777, sua filha, a rainha D. Maria I, e o seu governo, após terem libertado os prisioneiros dos cárceres pombalinos, interessaram-



-se de imediato pela penosa situação dos exilados portugueses. Em 7 de abril, Aires de Sá ordenava ao ministro português em Roma: “que V<sup>a</sup> Ex<sup>a</sup> examine o número dos ex-jesuítas portugueses, que ainda existem e que me remeta uma lista exacta dos seus nomes, ocupações e residências, tendo também cuidado de me dar parte, logo que algum falecer”<sup>37</sup>.

Nesse mesmo ano de 1777, a piedosa soberana começou a enviar 100.000 cruzados anuais. Infelizmente, porém, era tão abusiva a administração e distribuição dos socorros enviados pelo governo português que os exilados se viam obrigados a dirigir ao ministro de Portugal em Roma frequentes petições acerca da lastimosa situação em que se achavam, dando conta dos vexames e extorsões que sofriam dos italianos, que estavam encarregados da administração dos *convittos* nos quais habitavam em comum.

Sobre o modo como viviam os portugueses, os testemunhos não são coincidentes. D. Henrique de Meneses, em 1779, conclui a sua relação dizendo:

“O certo he, que quasi todos estes Padres Nacionaes passam muito mal, e estão padecendo inclemências, como se verefica, considerando o que he precizo para hum Sacerdote viver em terra estranha, sem Parentes, nem Amigos, com aquella decência, que corresponde ao seu estado; e de mais achandose já velhos, entrão a ter enfermidades.”<sup>38</sup>

Passavam os anos e cada vez se tornavam mais claros os inconvenientes de entregar o dinheiro a administradores italianos, de cujas extorsões e vexames os jesuítas se queixavam com razão. Aires de Sá, em 8 de julho de 1783, pergunta ao ministro de Portugal, já então D. Diogo de Noronha, se as queixas eram fundadas e informa-se se haveria outro meio de prover à sustentação dos desterrados, sem entregar o dinheiro à administração de italianos.

**1780** – Eusébio da Veiga reside em Roma como Capelão de Santo António dos Portugueses, com 63 anos de idade. Viria mais tarde a ser nomeado Reitor dessa Igreja, por proteção do Duque de Lafões, que muito o estimava<sup>39</sup>. (Arquivo Histórico Ultramarino, Reino 74, doc. 2742, *Negócio dos Ex-Jesuítas Portuguezes, 1780 “Relação dos Ex-Jesuítas Portuguezes que vivem em diversos lugares dos Estados Pontifícios, com diferentes Penções para os seus alimentos”* e Innocência Francisco da Silva – *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Tomo II. Lisboa, 1859, p. 247-248)

37 *Ibidem*.

38 AHU-Arquivo Histórico Ultramarino/Lisboa, *Negócio dos Ex-Jesuítas Portuguezes* (doc. autógrafo de D. Henrique de Meneses, Conde da Ericeira), Reino 74, doc. 2742, abril de 1780.

39 Innocência Francisco da Silva – *Diccionario Bibliographico Portuguez...*, p. 247-248.

A capelania da Igreja Nacional de Santo António começa a ser procurada pelos ex-jesuítas portugueses, pelo menos desde 1788. A este facto se refere a correspondência diplomática da época.

Resta-me a dizer a V. Ex<sup>a</sup> que muitos dos Ex Jezuitas que aqui se achão procurão e solici-tão as Capelarias da Igreja nacional de Santo António presentemente se achão ali quatro destes que entrarão no tempo dos meus predecessores, e ouvi que para admitir o primeiro se falara aos Ministros da França e da Hespanha, como presentemente se acha hum Capelania vaga, faltando Clerigos Portugueses se apresentou hum Ex- Jezuita Portuguez para ser admitido protegido pelo Cardeal Pallota, sobre este ponto me não posso resolver a dar resposta alguma sem instrução de V. Ex<sup>a</sup> a quem suplico queira participar-me as ordens de Sua Magestade.<sup>40</sup>

Já em 2 de março de 1785 fora sepultado, na igreja de Santo António dos Portugueses, por assim o ter pedido em vida, o Padre Cláudio Fiúza, ex-jesuíta, que em 1780 era Arcipreste na Isola Farnese, e falecera na véspera na paróquia de S. Lourenço in Lucina. Deixou a esta igreja de Santo António dos Portugueses “hum relíquia authentica de S. Francisco Xavier, que trouxe de Goa, aonde tinha sido Missionário por muitos annos”<sup>41</sup>.

Por fim, um decreto real de 16 de julho de 1787 modificava o sistema de distribuição do subsídio régio. A rainha ordenou que não se utilizasse mais o método anual. Daí em diante cada sacerdote passaria a receber oitenta escudos romanos por ano, pagos aos quartéis, ou seja, em quatro prestações, sendo um deles adiantado e os ex-irmãos coadjutores receberiam sessenta escudos por ano pagos do mesmo modo.

O reconhecimento por tal medida não se faz esperar, por parte dos visados e, por ofício de 12 de setembro, o então enviado José Pereira Santiago faz-se seu porta-voz:

“Os ex Jezuitas existentes neste Convitto de Transtevere e no da Ruffinella em Frascati me mandarão representar que em seu nome e de todos os indivíduos das duas Cazas quisesse pedir a V. Ex<sup>a</sup> se dignasse por na Real Presença de Sua Magestade as mais vivas expressões do seu humilde reconhecimento pela Graça que a mesma Senhora lhes tinha concedido em vigor do seu Real decreto de 16 de Julho.”<sup>42</sup>

40 ANTT, Ministério dos Negócios Estrangeiros, Legação de Portugal em Roma, Caixa 830, Ofício nº 7 de D. João de Almeida de Mello e Castro para D. Martinho de Mello e Castro. Roma, 10 de dezembro de 1788.

41 Arquivo do Instituto Português de Santo António, *Livro em q se acentão os deffuntos q se enterrão nesta Igr<sup>a</sup> e Real Hospital de S. António da Nação Portugueza de Roma comessando no Anno 1693*, p. 20 vº.

42 ANTT, Ministério dos Negócios Estrangeiros, Legação de Portugal em Roma, Caixa 829, Ofício nº 9 de José Pereira Santiago para Martinho de Mello e Castro. Roma, 12 de setembro de 1787.

Esta pensão virá apenas a ser suspensa em 1808 quando das invasões napoleônicas e da fuga da família real portuguesa para o Brasil, já em plena regência de D. João VI, por demência de sua mãe D. Maria I.

**f) Eusébio da Veiga é nomeado director da *Specula Gaetani*, Observatório Astronómico de Francesco Gaetani, Duque de Sermoneta**

O P. Eusébio da Veiga será nomeado em 1784, director da *Specula Gaetani*, observatório astronómico de Francesco Gaetani, Duque de Sermoneta (1738/1810), membro da famosa Academia dei Lincei<sup>43</sup>. O observatório funcionou no próprio Palazzo Caetani, na via delle Botteghe Oscure, em Roma. Aqui Eusébio da Veiga teve oportunidade de trabalhar com os astrónomos Atanásio Cavalli e Feliciano Scarpellini.

**1784** – Nomeado Director da *Specula Gaetani*, Observatório Astronómico de Francesco Gaetani, Duque de Sermoneta.

Francesco Gaetani, Duque de Sermoneta, apaixonado pela astronomia, promoveu a construção no seu palácio, na via delle Botteghe Oscure, de um observatório astronómico que enriqueceu com um consistente espólio de instrumentos científicos. O observatório é equipado em 1778 em colaboração com o seu irmão Onorato Caetani e com a assistência do P. Audifreddi, director do Observatório Astronómico da Minerva. São consultados o Padre Boscovich e o abade Slop, da Universidade de Pisa. Desde o início que a *Specula Caetani* adquire uma certa fama e é frequentemente visitada por viajantes e estudiosos de passagem por Roma. Em 1780, sob a direção do abade Luigi De Casaris, realizam-se as primeiras observações meteorológicas, prosseguidas em 1784 pelo astrónomo Atanásio Cavalli. A partir de

43 Francesco Caetani (1738/1810) nasceu em Roma, e com 14 anos estudou no Mosteiro de Monte Oliveto, em Nápoles, tendo como mestre o abade Romano Testa. Em 1757 torna-se Duque de Sermoneta, em sucessão a seu pai e em 1760 toma posse do ducado. Participa ativamente na vida cultural da época, frequentando salões literários romanos e interessando-se particularmente pelos debates científicos, para além dos filosófico-literários. Por causa dessa intensa atividade, adquire rapidamente fama de mecenas. Apaixonado pela astronomia, promove a construção no seu palácio, na via delle Botteghe Oscure, de uma *Specula astronomica*, que foi dirigida pelo abade Luigi De Casaris, Atanasio Cavalli, Eusébio da Veiga e Feliciano Scarpellini. O destino di Scarpellini ficará profundamente ligado ao do duque nos anos entre o século XVIII e o século XIX, no tempo do chamado Segundo Renascimento Linceo. Caetani, de facto, juntamente com Gioacchino Pessuti e com o abade Scarpellini contribuiu para a fundação da Academia Caetani, hospedando-a no próprio palácio em Roma na via delle Botteghe Oscure por sete anos. A Academia, que tinha interrompido as atividades nos anos 1798-99 durante a ocupação francesa, foi inaugurada a 16 de abril de 1801 por Gioacchino Pessuti e pouco depois mudará novamente de nome no mais tradicional Academia dei Lincei. A presença, entre os académicos, de partidários do regime republicano, entre os quais Pessuti, cria tensões entre a instituição e o Governador de Roma. Francesco Caetani empenhou-se então em defender a liberdade da Academia diante do Governador que, após a queda da República Romana em 1798-1799, solicita a expulsão de sete sócios, entre os quais se conta Pessuti, acusando-os de patriotismo republicano. O duque recusa essa expulsão, conquistando a fama de protector da academia. Em 1907, quando a Academia muda de sede, passando ao colégio Umbro Fuccioli, Caetani é aclamado *Restitutor Lynceorum* e proclamado Presidente perpétuo. Morre em Roma a 24 de agosto de 1810. Cf. <http://www.lincci-celebrazioni.it/icaetani.html>

1785 é publicado um boletim intitulado *Effemeridi astronomiche calcolate al mezzo-giorno tempo vero nel meridiano di Roma ad uso della Specola Caetani*, dirigido a partir de 1797 por Feliciano Scarpellini, novo director do observatório, depois do jesuíta português Eusébio da Veiga.

Publica *Effemeridi Romana, calcolate per mezzo di vero del Meridiano di Roma, ad uso della Specola Gaetani, per l'anno 1785, coll' aggiunta di altre Tavole spiegate e messe in pratica colla risoluzione di molti problemi astronomici. Dedicate a sua Eccellenza il Sig. D. Francesco Gaetani, Duca di Sermoneta...*, dall'Abbate Eusebio Veiga, direttore della medesima Specola. In Roma, MDCCLXXXIV [1784] (Lorenzo Hervás y Panduro – Biblioteca Jesuítico Española (1759-1799). Estudio introductorio, edición crítica y notas por António Astorgano Abajo. Libris-Asociación de Libreros de Viejo, Madrid, 2007, p. 739).

**1785-1792** – Publica cada ano *Tavole dell' Effemeridi Romana per l'anno 1786 (1787/1788/1789/1790/1791/ 1792), calcolate al mezzo giorno tempo vero fiel Meridiano di Roma, ad uso della Specola Gaetani. Dedicate a sua Eccellenza il Sig. D. Francesco Gaetani, Duca di Sermoneta...*, dall'Abbate Eusebio Veiga, direttore della medesima Specola. In Roma, MDCCLXXXV [1785] (Lorenzo Hervás y Panduro – Biblioteca Jesuítico Española (1759-1799) ..., p. 739).

**1789** – É nomeado sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa.

**1790** – Escreve *Risposta del Sig. D. Eusebio Veiga alla Lettera di S. Il Sig. Duca Caetani di Sermoneta*. (Bibliothèque de la Compagnie de Jésus – Bibliographie, par Augustin et Aloys De Backer; Histoire par Auguste Carayon, Nouvelle édition par Carlos Sommervogel, publiée par la Province de Portugal, Bruxelles-Paris, 1890 (riproduzione anastatica Héverlé-Louvain, Collège philosophiques et théologique S. J., 1960).

**1794** – Publica *Tavole deli' Effemeridi astronomiche per l'anno 1794 (1795), calcolate al mezzogiorno di tempo médio nel meridiano di Roma, ad uso della specola Gaetani, che possono essere di comodo ed utiliá a molti ceti di persone, come medici, parrochi, naviganti, viaggiatori, etc. mentre vi si nota in ogni giorno l' ora dell' alba, levata del sole, mezzodi, l'età della luna, la sua levata, passaggio del meridiano, ed il tramontare, come gli stessi fenomeni degli altri planeti di otto in otto giorni; di piú le mutazioni del tempo accadute nel 1775, le di cui lunazioni corrispondendo negli stessi giorni del presente atino 1794, danno percio comodo a curiosi di vedere la corrispondenza colle mutazioni del tempo corrente in quest' anno per poter regolare gli affari dipendenti del tempo buono o cattivo, come anche per l'agricoltura,*

*ed altri usi della umana società. Dedicate a sua eccellenza il Sig. D. Francesco Gaetani, duca di Sermoneta e S. Marco, príncipe di Tiano ec. dall'Ab. Eusebio Veiga.* (Lorenzo Hervás y Panduro – *Biblioteca Jesuítico Española* (1759-1799) ...).

**1795** – Publica *Trigonometria sphoerica, faciliore novaque methodo exposita, qua non modo triangula rectangula per Neperi regulas, sed obliquangula ex novis auctariis ita clare resolvuntur, ut proeceptore vix lector indigeat. Auctore Eusebio Veiga. Apponitur ad calcem tabula logarithmica numerorum naturalium ab 1 usque ad 10000, tum alia canonis logarithmici sinuum ac tangentium pro singulis graduum minutis, cum Logmorum differentiis.* Romae, MDCCXCV [1795], (Lorenzo Hervás y Panduro – *Biblioteca Jesuítico Española* (1759-1799) ..., p. 739).

**g) Morre octogenário, no Hospício de Santo António dos Portugueses, no meio das convulsões napoleónicas**

**1798 (9 de abril)** – Morre no Hospital de Santo António dos Portugueses, em Roma, com 80 anos de idade. Tinha sido reitor dessa igreja. O seu registo de óbito afirma que era Sócio da Real Sociedade de Londres<sup>44</sup>, Correspondente da Academia das Ciências de Paris, Sócio da Academia de História de Portugal. (Arquivo do Instituto de Santo António dei Portoghesi, Roma, Livro de Óbitos, p. 35 vº e ARSI, *Lus.* 40).

Eusébio da Veiga morre em 9 de abril de 1798, com 80 anos de idade, no Hospício de Santo António dos Portugueses, em Roma, de cuja igreja fora Reitor. O então capelão de Santo António dos Portugueses, o também ex-jesuíta, Padre Francisco Furtado (1742/1827) deixa no seu registo de óbito o seguinte panegírico:

“Aos 9 de Abril de 1798, 2ª feira depois da Pasqua vizinho às 24 horas falleceo nesta Casa e na Estancia da sua habitação o P. D. Eusébio da Veiga, que nella por muitos annos foy Reitor, e Confessor, homem de nota bondade, e verdadeiramente Religioso e sábio em todas as Sciencias, principalmente nas Mathemáticas. Recebeo em seo perfeito juízo, e pedindo-os elle mesmo todos os sacramentos. Foy enterrado na 4ª feira seguinte e posto na sepultura dos Cappelaens, tendo precedido o officio e missa cantada. E por assim ser na verdade passey a presente declaração. Declaro mais que o defuncto tinha sido Jesuíta e Mestre de Mathemáticas em Lisboa, e era Sócio da Real Sociedade de Londres, e Correspondente da Academia das Sciencias de Pariz, e Sócio da História Portuguesa em Lisboa. Em fé 11 de Abril de 1798. Francisco Furtado, Capp.am Hospitaleiro e Confessor.”<sup>45</sup>

<sup>44</sup> Esta informação, embora dada no seu registo de óbito, em data muito próxima aos acontecimentos, não encontra confirmação na listagem de membros da Royal Society publicada *online*, que não inclui o nome de Eusébio da Veiga. (cf. <https://royalsociety.org/fellows/>)

<sup>45</sup> Arquivo do Instituto Português de Santo António, *Livro em q se acentão os deffuntos q se enterrão nesta Igrª e Real Hospital de S. António da Nação Portuguesa de Roma comessando no Anno 1693*, p. 20 vº.

Quando morre Eusébio da Veiga, os tempos eram conturbados. A incursão italiana das tropas de Napoleão Bonaparte a partir de 1796, e os violentos saques de Roma levados a cabo pelas referidas tropas em 1798, abrem a possibilidade de repatriamento dos ex-jesuítas portugueses. O enviado de Florença, Luís Álvares da Cunha Figueiredo escreve a Luís Pinto de Sousa Coutinho dizendo: *Dei imediatamente as providências necessárias para a prompta partida dos Ex-Jezuitas de que julgo que poucos se acharão em estado de se aproveitar pelas suas avançadas idades e moléstias, que me farão constar por Certidoens authenticas para que assim veja os que devem continuar a perceber nos Estados da Cisalpina, como em Bolonha, Ferrara, etc.*<sup>46</sup>

E passado um mês parece que as movimentações continuaram, a avaliar pela intensa correspondência diplomática que se inicia sobre este assunto. No ofício de 13 de junho desse ano, Cunha Figueiredo noticia: “Principião a chegar aqui alguns Ex-Jezuitas Portugueses, que se acaminhão à Pátria, e quando eu julgava que a maior parte poderia ficar por motivo das suas avançadas idades, vejo que esta gente antepõem o risco da viagem à permanência nos Estados ecclesiasticos, achando-se já aqui quem tem mais de 76 anos de idade e não pocas moléstias.”<sup>47</sup>

A movimentação vai-se avolumando e, em finais desse mês de junho, acha-se em Roma já um grupo considerável pronto para partir.

“Aqui se achão já huns trinta e tantos Ex Jezuitas, e outros estão em viagem, tendo ao mesmo tempo já em meo poder atestados de cessenta e tantos impossibilitados a partir por avançada idade, e grandes moléstias, e não sei como muitos dos que aqui se achão se meterão em viagem, pois athe chegou aqui hum com oitenta e quatro annos. Não se offerecendo embarque a Génova, nem em Livorno tomo o partido de os demorar aqui the ver se se apresenta occasião opportuna; e como V. Ex<sup>a</sup> conhece muito bem qual seja a viagem de Roma a Lisboa lhe não pondero outra couza a este respeito.”<sup>48</sup>

Um mês depois, Cunha Figueiredo avança com uma hipótese de resolução sugerida pelo Cônsul Piaggio:

“Não he para mim indifferente a confusão em que me vejo com o transporte Ex-Jezuitico, pois q as circunstancias não offerecem meio algum, e tendo-me entendido com Piaggio a este respeito, me diz q o único modo seria de afretar hum pequeno Navio sem carga, q. assim hirião seguros; portanto tenho esperança de poder remeter huns vinte com certo

46 ANTT, Ministério dos Negócios Estrangeiros, Legação de Portugal em Roma, Caixa 833. Ofício nº 12 de Luís Álvares da Cunha e Figueiredo para Luís Pinto de Sousa Coutinho. Florença, 28 de maio de 1798.

47 ANTT, Ministério dos Negócios Estrangeiros, Legação de Portugal em Roma, Caixa 833. Ofício nº 13 de Luís Álvares da Cunha e Figueiredo para Luís Pinto de Sousa Coutinho. Florença, 13 de junho de 1798.

48 ANTT, Ministério dos Negócios Estrangeiros, Legação de Portugal em Roma, Caixa 833. Ofício nº 14 de Luís Álvares da Cunha e Figueiredo para Luís Pinto de Sousa Coutinho. Florença, 28 de junho de 1798.

Navio, q partirá de Génova p<sup>a</sup> a costa de Coromandel, e tocará Málaga, veremos se o posso effectuar.”<sup>49</sup>

Após os repatriamentos de 1798 e 1799, em Roma e nas restantes povoações fica um número cada vez mais reduzido. O Hospital de Santo António dos Portugueses tornara-se por esta ocasião o derradeiro reduto onde terminarão os seus dias os últimos jesuítas portugueses. Regista-se a morte de, pelo menos, treze, naquela instituição de caridade, fundada no século XIV, pelo Bispo do Porto, D. Antão Martins de Chaves, com claro fim caritativo e assistencial a peregrinos, pobres e doentes de nação portuguesa, que sempre ali acorreram. Mas após as partidas para Florença para repatriamento, os mais doentes e idosos vêem-se obrigados a recolher-se ao Hospital de Santo António, onde chegam a formar quase uma comunidade, e ali vão terminando os seus dias. A 14 de janeiro de 1799

“falleceo n'esta Infermaria o Pe João Alberto Ex- Jezuita Portuguez, q veio p<sup>a</sup> esta Caza em ocasião que os seus companh.ros partirão daqui p.a Florença por Ordem de S. Magestade, de idade de 83 annos ( ) e Deus o levou p.a o Ceo pela sua vida exemplar, e morte invejável q fez”<sup>50</sup>. Um ano mais tarde, a 1 de Abril de 1800 chega a vez do “P. Manoel Monteiro Ex Jezuita Portuguez, que veio p.a esta casa em ocasião que os seus companheiros partirão daqui p.a Florença por ordem de S. Mage Fidelíssima. Veio p.a o Hospital no dia 25 de Março ditto anno; natural de Ferreira das Aves no Bispado de Viseo, de annos 77: fez testamento em que dispôs tudo a favor da sua Alma”<sup>51</sup>.

## h) O seu legado inédito

A importante obra de Lorenzo Hervás y Panduro – *Biblioteca Jesuítico Española* (1759-1799),<sup>52</sup> deixa notícia dos inéditos e manuscritos que não chegaram a ser publicados de Eusébio da Veiga, bem como de outros trabalhos cartográficos.

Deixou manuscritos um *Dictionnarium Biblicum*, obra em diversos tomos enviada ao impressor Remondini de Bassano, que não a chegou a imprimir, e uma *Confutatio Chronologiae N.N. de Paschalis celebratione*.

Delineou em datas imprecisas as cartas geográficas dos rios da América Meridional, Orinoco e Madalena e do bispado de Porto, nos Estados Pontifícios: *Descriptio cursus fluminis, cui nomen Orinoco domini Survallé ad minores mensuras redacta*,

49 ANTT, Ministério dos Negócios Estrangeiros, Legação de Portugal em Roma, Caixa 833. Ofício nº 16 de Luís Álvares da Cunha e Figueiredo para Luís Pinto de Sousa Coutinho. Florença, 27 de julho de 1798.

50 Arquivo do Instituto Português de Santo António, *Livro em q se acentão os deffuntos q se enterrão nesta Igr<sup>a</sup> e Real Hospital de S. António da Nação Portuguesa de Roma comessando no Anno 1693*, p. 74v<sup>o</sup>.

51 *Ibidem*, p. 90.

52 Lorenzo Hervás y Panduro – *Biblioteca Jesuítico Española* (1759-1799)..., p. 740.

*Descriptio cursos fluminis nomine Madalena e Charta geographica Sioarum cum Tarlarioe accessionibus ad normam Europoeam redacta.*

Fez ainda um planisfério em dois hemisférios, cada um com oito palmos de diâmetro, a pedido do rei da Sardenha, Carlos Manuel IV (1751/1819). Esta obra, intitulada a *Charta generalis orbis universi correcti aliorum geographorum erroribus*, agradeceu de tal modo que o rei a ofereceu à nova universidade de Sassari, por ele fundada, para instrução dos académicos.

AMDG